



O debate quali versus quanti e as tentativas de superação de uma polarização metodológica

Vinícius Silva Alves¹

RESUMO

Este ensaio tem como intuito apresentar o debate que se estabeleceu na Ciência Política a respeito de duas maneiras distintas de se realizar pesquisas: quantitativa e qualitativa. Inicialmente, o ensaio traz um panorama do debate, partindo de uma perspectiva na qual se observava um aparente isolamento epistemológico entre dois grupos de pesquisadores da disciplina e apresentando os esforços, por parte de alguns setores da comunidade acadêmica, para a superação da clivagem entre qualitativistas e quantitativistas. Argumenta-se, na sequência, que existe a possibilidade de combinação de métodos quantitativos e qualitativos em abordagens que tem produzido importantes contribuições para a Ciência Política contemporânea. Ao final, desenvolve-se a ideia de que a opção por uma abordagem quantitativa ou qualitativa está mais relacionada ao escopo da investigação e à questão de adequação dos procedimentos metodológicos necessários para o enfrentamento do problema de pesquisa proposto. Ressalta-se, desse modo, que a superação da tradicional clivagem metodológica pode ser relevante para o aprimoramento da disciplina, contribuindo para uma ampliação de técnicas e procedimentos relevantes para se estabelecer inferências seguras.

Palavras-Chave: Metodologia, métodos quantitativos, métodos qualitativos inferência.

Recebido em 22/05/2017

Aceito para publicação em 27/06/2018

DOI: <https://doi.org/10.25067/s.v22i1.16041>

O debate quali versus quanti

Algo comum entre alunos que estão iniciando os estudos em Ciência Política é a percepção de que existem dois grupos de acadêmicos que conduzem suas pesquisas de maneira visivelmente distinta. Chama bastante atenção a diversidade de técnicas e a heterogeneidade de procedimentos dos quais

¹ Doutorando em Ciência Política pela Universidade de Brasília. Mestre em Ciência Política e bacharel em Direito pela Universidade Federal de Goiás. E-mail para contato: vinicius.silvalves@gmail.com.

professores e pesquisadores se utilizam na condução de seus trabalhos. Não é raro também se observar que estudantes de graduação ou de mestrado, desde o início de suas atividades acadêmicas, logo se apressam para escolher qual o seu lado na famigerada disputa epistemológica e metodológica da disciplina.

Nessa ordem de ideias, o objetivo do presente trabalho é apresentar uma discussão crítica a respeito do debate que se estabeleceu, nos últimos anos, no âmbito dos estudos sobre metodologia em Ciência Política acerca de duas maneiras ou tradições de se realizar pesquisas: a quantitativa e a qualitativa. De modo específico, busca-se enfrentar algumas questões, como, por exemplo: a perspectiva quali *versus* quanti já se encontra superada? Até que ponto os esforços por parte da comunidade acadêmica, composta por uma diversidade de pesquisadores com formações e orientações diversas, estão contribuindo para a superação de uma polarização metodológica?

Parte-se do argumento de que a polarização metodológica pode obscurecer a ideia de que existe conhecimento científico para além da rivalidade entre quantitativistas e qualitativistas. Argumenta-se, além disso, que a opção por um desses lados deve ser pensada fundamentalmente como uma questão de adequação ao escopo da pesquisa. Nessa ordem de ideias, tem-se que “*whether differences are quantitative or qualitative, of degree or of kind, is a matter of logical treatment and thus a matter of deciding which handling is appropriate for what purpose*” (SARTORI, 2004, p. 786).

Em seguida, apresenta-se o argumento de que existe a possibilidade de combinação de métodos quantitativos e qualitativos em abordagens que tem revelado consideráveis contribuições para a Ciência Política, como em trabalhos que realizam estudos de caso, *process tracing* e análises de rede.

Para enfrentar a primeira questão, na parte inicial deste ensaio, serão discutidos os textos de Collier, Seawright e Brady (2003), Gerring e Thomas (2011), e Goertz e Mahoney (2006), bem como as contribuições dos autores para uma tentativa de superação desta clivagem.

O texto “*A tale of two cultures: Constrasting Quantitative and Qualitative research*” (GOERTZ & MAHONEY, 2006) logo em seu início sinaliza a dificuldade de se estabelecer uma comunicação entre as perspectivas quali e quanti, tendo em vista as diferentes normas, crenças e valores que marcam cada uma delas. Goertz e Mahoney (2006) alertam para o fato de que o debate, quando carregado de certa dose de religiosidade e ceticismo, como frequentemente ocorre, oferece obstáculos à compreensão de que, em última instância, trata-se de formas alternativas de se desenhar e executar uma investigação científica.

Os autores criticam o modo como a questão foi abordada por estudiosos nos anos anteriores, especialmente por identificarem que o diálogo entre as culturas quali e quanti era usualmente abordado a partir de uma perspectiva

determinada, o que, certamente, contribuiu para o acirramento de uma disputa sobre quem pode oferecer as melhores ferramentas metodológicas.

Em geral, muitos pesquisadores tendem a se situar em um dos lados do debate, como resta evidente nos textos de Sartori (2004) e Colomer (2004), o que contribui para uma má compreensão do outro lado e um isolamento entre estas abordagens. Com o intuito de fornecer uma melhor compreensão sobre as diferenças que fundamentam a classificação quali e quanti, Goertz e Mahoney (2006) propõem explorar a questão a partir da identificação de 10 possíveis pontos de desencontro entre estas culturas (*approaches to explanation; conceptions of causation; multivariate explanations; equifinality; scope and causal generalization; case selection; weighting observations; substantively important cases; lack of fit; e concepts and measurements*).

Neste momento, vale destacar que os autores estabelecem como premissa a condição de que tanto as pesquisas qualitativas como as quantitativas buscam realizar análises de causalidade, razão pela qual a comparação apresentada entre as tradições quanti e quali exclui estudos de caso descritivos, teorias críticas e pós-modernas, assim como análises interpretativistas (GOERTZ & MAHONEY, 2006).

Os pontos de desencontro evidenciam diferentes propósitos e perspectivas entre as culturas quali e quanti, na tentativa de se firmar a ideia de que as diferentes tradições consolidaram suas características a partir de uma adequação ao seu escopo de investigação. Ressalte-se que as abordagens do tema ou a definição do objeto de pesquisa servem como consideráveis indícios de que a pesquisa se aproximará de uma perspectiva qualitativa ou quantitativa. Sendo assim, se o pesquisador se interessa pela investigação das causas de um evento ou fenômeno específico, privilegia-se a abordagem quali (busca-se, de acordo com Goertz e Mahoney, as causas dos efeitos); de outro lado, se a investigação científica foca em técnicas estatísticas para conhecer os efeitos das causas, adota-se uma abordagem quantitativa, próxima da lógica que conduz experimentos que utilizam grupos de controle e de tratamento para se aferir o efeito médio de uma variável sobre o resultado obtido.

Tem-se, deste modo, que a abordagem que se utiliza para definir o objeto de pesquisa e conduzir a investigação científica faz emergir diversos modos: de se expressar relações de causalidade (usando um raciocínio pelo qual se busca a definição do efeito causal médio de uma variável, como explicitado por King, Keohane e Verba - 1994² - ou da consideração de um fator explicativo como suficiente e/ou necessário³), de se apresentar os resultados da investigação (mais

² Causal effect = $y_i^T - y_i^C$

Mean causal effect = $u_i^T - u_i^C$

³ Ressalta-se que a combinação de variáveis utilizando a abordagem INUS, bem como a definição e identificação dos caminhos causais são elementos que nos auxiliam a melhor compreender uma abordagem qualitativa.

ou menos generalizáveis), de selecionar unidades para observação e do modo como estas serão “pesadas”; de se interpretar *outliers*; de definir conceitos e operacionalizá-los.

Nas conclusões, os autores enfatizam que os rótulos qualitativo e quantitativo capturam muito pouco das diferenças essenciais entre os dois modos de se realizar pesquisa social, o que contribui para o mau entendimento do debate. A proposta de novas terminologias, apresentadas por Goertz e Mahoney (2006) como *statistics versus logic*, *effect estimation versus outcome explanation* ou *population-oriented versus case-oriented* pode, de fato, contribuir para a elucidação dos contrastes entre estas tradições. Contudo, acredita-se que o incremento nas possibilidades de se entender as diferenças entre pesquisas qualitativas e quantitativas advém não da melhor precisão das palavras sugeridas pelos autores, mas sim pelo fato de que a classificação proposta é mais restrita e específica, justamente por explorar as diferenças que Goertz e Mahoney discutem de maneira mais consistente ao longo do texto.

Por sua vez, o trabalho “*Qualitative versus quantitative: what might this distinction mean?*”, de Collier, Seawright e Brady (2003) explora a real necessidade e utilidade de se conhecer o debate quali *versus* quanti, qual seja, compreender as similaridades e diferenças para, diante do objeto de pesquisa que se pretende investigar, identificar possíveis caminhos seguros que auxiliarão o pesquisador a realizar uma boa tarefa. Em outras palavras, trata-se de uma questão de melhor compreender as diferenças entre as tradições qualitativa e quantitativa com o intuito de elaborar o melhor desenho de pesquisa para enfrentar o problema que se propôs.

Neste sentido, os autores apresentam quatro critérios para se distinguir uma pesquisa qualitativa de uma quantitativa: *level of measurement*; *size of the N*; *statistical tests*; *thick versus thin analysis*. Apresentam também uma interessante discussão a respeito do isolamento ou comunicação entre as abordagens quantitativa e qualitativa (*specialization and bridging*), salientando as vantagens de uma tentativa de se combinar as virtudes de uma análise profunda a testes estatísticos.

Nessa ordem de ideias, argumenta-se que uma abordagem *mixed methods* poderia contribuir para superar limitações inerentes a cada uma das tradicionais abordagens quali e quanti, assim como para proporcionar criativas soluções de pesquisa. Em suas considerações finais, porém, os autores ressaltam o seu comprometimento não apenas com o *bridging*, mas também com o que chamam de *specialization*, o que afirmam ser importante para manutenção de certa coerência e robustez na estruturação das pesquisas qualitativas (a especialização ofereceria, sob esta perspectiva, uma contribuição para o fortalecimento dos procedimentos metodológicos na Ciência Política).

Para finalizar a primeira parte deste trabalho, vale apenas lembrar o texto “*Quantitative versus qualitative methods*”, de Gerring e Thomas (2011),

que oferece um resgate histórico da divisão que ainda parece fazer sentido nas ciências sociais entre qualitativistas e quantitativistas. Destaca-se, nesse ponto, a advertência feita pelos autores no sentido de que o debate contribui para desviar o foco dos reais problemas metodológicos referentes à pesquisa social.

Por conseguinte, salienta-se que o texto pretende, ao invés de reforçar a clivagem quali *versus* quanti, ressaltar um importante problema que tem sido em parte negligenciado nos debates sobre o tema. Assim, Gerring e Thomas (2011) destacam a relevância de se indagar, no âmbito dos estudos comparados, a respeito do que é uma comparação razoável e qual o limite da precisão de uma comparação.

O texto oferece, então, critérios para se estabelecer comparações descritivas e causais, além de um debate sobre a clareza e precisão de escalas que são utilizadas para a mensuração ou compreensão de um fenômeno. Os autores também discorrem sobre a possibilidade de conversão de uma observação inicialmente expressa de forma qualitativa em quantitativa e vice-versa, além das limitações e prejuízos decorrentes desta transformação. Em seguida, enfatizam que a opção por uma escala nominal ou numérica é uma questão de possibilidade e adequação, haja vista que se encontra associada à possibilidade de quantificação e interesse/utilidade desta escolha.

Neste ponto, o texto parece ser menos diplomático sobre a dicotomia quanti *versus* quali que os anteriores, seja por apresentar, ainda que discretamente, a ideia de que observações quantitativas viabilizam comparações mais precisas, seja por enfatizar pouco a diversidade de propósitos das tradições qualitativa e quantitativa. Enquanto os dois primeiros textos parecem se referir mais a uma noção de complementaridade e necessidade de quebrar as barreiras entre as abordagens quali e quanti, o último acaba sendo um pouco mais favorável à abordagem quantitativa.

Contudo, o atual debate metodológico tem sido contundente ao indicar as limitações inferenciais provenientes de estudos com *large N*, especialmente tendo em vista as dificuldades ou até mesmo a impossibilidade de se considerar o contexto e as especificidades de cada unidade examinada neste tipo de estudo.

Neste sentido, Luna, Murillo e Schrank (2014) chamam a atenção para a necessidade de não se ignorar as peculiaridades que, mesmo presentes, podem passar despercebidas em trabalhos com um grande número de casos. Tem-se que, em geral, os trabalhos que lidam com uma grande amostra adotam uma perspectiva que privilegia uma abordagem mais ampla, que não leva em conta o contexto e, por conseguinte, reduz a capacidade de fornecer observações precisas sobre um evento ou fenômeno, o que poderia ser realizado por meio da identificação de mecanismos causais (HALL, 2003; RAGIN, 2000; MCADAM, TARROW & TILLY, 2010).

Desse modo, observa-se o incentivo à construção de teorias de médio

alcance, que permitiriam a elaboração de estudos mais precisos (MCADAM, TARROW & TILLY, 2010), contornando, assim, o trágico caminho apontado por Sartori (2004) para a Ciência Política. Com efeito, o reconhecimento das limitações inferenciais provenientes de estudos que têm como proposta o teste de teorias formuladas com pretensões universalistas evidenciou a relevância de *grounded studies* (LUNA, MURILLO & SCHRANK, 2014) para o avanço da disciplina.

A partir desta lógica, destaca-se a importância de esforços entre os pesquisadores que se dedicam a estudos de caso, ao *process tracing* e às abordagens de redes, que abrem espaço para as tentativas de superação de um monismo metodológico, que favoreceria a manutenção da polarização da Ciência Política entre quantitativistas e qualitativistas.

Como explica Borges (2007, p. 55),

a grande vantagem metodológica dos estudos de caso estaria, nesse sentido, na possibilidade de identificação de mecanismos e sequências causais, os quais tendem a ser deixados de lado, ou, no máximo, presumidos, pelos estudos quantitativos de grandes amostras.

Ainda sobre as vantagens de um estudo de caso, Collier, Seawright e Brady (2003), em estudo sobre as eleições presidenciais americanas de 2000 que integra o apêndice de seu livro, trazem um bom exemplo de como o *process tracing* não é incompatível com o uso de métodos quantitativos e, além disso, pode ser usado para apresentar resultados mais precisos, incrementado a validade externa de uma investigação acadêmica⁴.

Vale salientar que as contribuições destes estudos, apesar de não buscarem generalizações universais, não se limitam a compreender apenas um caso ou pequeno número de casos estudados. Neste sentido,

quando o objetivo é desenvolver teorias, o mapeamento de processo irá envolver, necessariamente, a transformação de

⁴ No apêndice, Brady contesta os achados do trabalho de Lott, que indicava que o candidato George W. Bush perdera, no mínimo, 10.000 votos em virtude da divulgação prematura da informação de que o seu adversário liderava a corrida presidencial. A partir de uma observação do processo causal, que permitiu uma análise mais profunda, dificilmente poderia se sustentar a conclusão de Lott. “*Causal-process observations demonstrate that it was highly implausible for the media effect suggested by Lott’s analysis to have occurred. Thus, what from a technical perspective could be seen as a less sophisticated tool of analysis demonstrates that his quantitative conclusions based upon regression analysis cannot be valid*” (COLLIER, SEAWRIGHT E BRADY, 2003, p. 271)

uma narrativa histórica, de caráter descritivo, em uma explicação causal analítica de maior ou menor escopo de generalização (BORGES, 2007, p 55).

Sobre as análises de rede, vale ressaltar que as abordagens que se concentram em mecanismos relacionais caracterizam-se por apresentarem um evidente traço multidisciplinar, notadamente por se associarem a pressupostos da matemática formal e da estatística, colaborando, assim, para uma pesquisa multi-método, capaz de proporcionar uma visão mais dinâmica de fenômenos políticos, instituições etc (MARQUES, 2012). Destaca-se, nesse instante, que a neutralidade na utilização e processamento dos dados⁵, típica das abordagens de rede, demonstra um esforço sincero na tentativa de ruptura das barreiras entre quantitativistas e qualitativistas.

A esta altura, parece possível supor que a opção por uma abordagem quantitativa ou qualitativa está mais relacionada ao escopo da investigação e à questão de adequação dos procedimentos metodológicos necessários para o enfrentamento do problema de pesquisa.

Delimitar o escopo da explicação, esquivar-se de visões determinísticas em estudos de caso, considerar que podem ser feitas múltiplas observações sobre um único caso, atentar-se para o risco de *conceptual stretching* (COLLIER & MAHONEY, 1996), considerar a presença ou ausência de alguns pressupostos necessários para análises estatísticas seguras, enfim, reconhecer as vantagens e desvantagens relacionadas à adoção de uma abordagem mais quantitativa ou mais qualitativa pode permitir uma potencialização da validade das explicações dos fenômenos políticos oferecida pelos pesquisadores⁶, assim como ampliar a possibilidade de surgimento de estudos multi-método.

Argumenta-se, portanto, que seria interessante para o progresso metodológico e epistemológico da disciplina que a rivalidade entre estas tradicionais formas de se realizar pesquisa social (quanti *versus* quali) fosse substituída pela noção de complementaridade. De fato, o avanço da Ciência Política pressupõe que algumas questões não estejam absolutamente resolvidas. Tendo em vista que existe a possibilidade de desenvolvimento indutivo de teorias e hipóteses a partir do mapeamento de processos em estudos

⁵ Muito embora se admita que, do ponto de vista teórico e ontológico seja possível questionar a neutralidade das abordagens de rede, entende-se que, do ponto de vista de como os dados são utilizados, é possível sustentar que os pesquisadores não “vão a campo” com pressupostos rígidos e delimitados, o que favorece a perspectiva *mixed methods*.

⁶ É importante considerar que os métodos tradicionais de análise de regressão não se mostram adequados para o estudo de fenômenos em que se observa equifinalidade e causalidade recíproca. “Uma das mais importantes contribuições dos estudos histórico-comparativos no sentido de ampliar o nosso entendimento de causalidade diz respeito à identificação de processos marcados por ‘dependência de trajetória’ (*path dependency*)” (BORGES, 2007, p. 54).

comparativos (BORGES, 2007), bem como considerando que em trabalhos com uma grande amostra observam-se unidades que não se ajustam ao modelo, demandando explicações adicionais, parece razoável sustentar que a coexistência de abordagens quantitativas e qualitativas pode contribuir para a renovação das agendas de pesquisa próprias da Ciência Política.

Por fim, destaca-se que, muito embora ainda existam perspectivas contrapostas que indicam ainda fazer sentido as expressões *quali e quanti*, a discussão e o avanço de métodos como estudos de caso, *process tracing* e abordagens de rede tem colaborado para a superação da tradicional clivagem metodológica.

Referências

BORGES, André. Desenvolvendo Argumentos Teóricos a Partir de Estudos de Caso: o debate recente em torno da pesquisa histórico-comparativa. **BIB**, São Paulo, nº 63: 45-59, 2007.

COLLIER, David; MAHONEY, James. Insights and pitfalls: selection bias in qualitative research. **World Politics**, 49: 56-91, 1996.

COLLIER, David; SEAWRIGHT, Jason; BRADY, Henry. Qualitative versus quantitative: what might this distinction mean? **Newsletter of the APSA Organized Section on Qualitative Methods**, vol. 1, n. 1: 4-8, 2003.

COLOMER, Josep. Political Science is Going Ahead (By Convolved Ways) A Commentary of Giovanni Sartori. **PS Political Science and Politics** 37 (4): 793-794, 2004.

GERRING, John; THOMAS, Craig. Quantitative versus qualitative methods. In: BADIE, B.; SCHLOSSER, Dirk; MORLINO, Leonardo. (Org.) **International Encyclopedia of Political Science**. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2011, p. 2190-2197.

GOERTZ, Gary; MAHONEY, James. **A Tale of Two Cultures: Qualitative and Quantitative Research**. Oxford University Press, 2006.

KING, Gary; KEOHANE, Robert; VERBA, Sidney. **Designing social inquiry: Scientific inference in qualitative research**. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994.

MARQUES, Eduardo. Redes sociais, pobreza e segregação em São Paulo e Salvador – conceitos e métodos. In: MARQUES, Eduardo. (Org.) **Redes sociais no Brasil – sociabilidade, organizações civis e políticas públicas**. 1ª ed. Belo Horizonte: Fino Traço/CEM, 2012, v. 1: 21-44.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. **Dynamics of Contention**. Cambridge: Cambridge University Press, cap. 1: 3-37, 2010.

RAGIN, Charles. **Fuzzy-Set Social Science**. Chicago: University of Chicago Press, 2000.

SARTORI, Giovanni. Where is Political Science Going? **PS Political Science and Politics** 37 (4): 785-787, 2004.

The debate quali versus quanti and the attempts of overcoming a methodological polarization

ABSTRACT

This essay aims to present the established debate in Political Science about two different ways of conducting research: quantitative and qualitative. Initially, the article presents a panorama of the debate, starting from a perspective in which there was an apparent epistemological isolation between two groups of researchers of the discipline and showing the efforts, by some sectors of the academic community, to overcome the cleavage between "qualitativists" and "quantitativists". Furthermore, the paper suggests that there is a possibility of combining quantitative and qualitative methods in approaches that have produced important contributions to contemporary political science. In the end, we assert that the option for a quantitative or qualitative approach is more related to the scope of the investigation and to the adequacy of the methodological procedures necessary to the proposed research problem. Thus, it should be emphasized that overcoming the traditional methodological cleavage may be relevant to the improvement of the discipline, contributing to an extension of techniques and procedures relevant to establishing safe inferences.

Keywords: Methodology, quantitative methods, qualitative methods, inference.